

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA – ETDUFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

BRUNO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA

**O DRAMA POR TRÁS DE UMA PROMESSA
UMA VIDA ANULADA NA CASA 'DUSZÔTRO'**

BELÉM

2023

BRUNO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA

O DRAMA POR TRÁS DE UMA PROMESSA
UMA VIDA ANULADA NA CASA 'DUSZÔTRO'

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de LICENCIATURA EM TEATRO da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do título de LICENCIADO EM TEATRO.

Orientador: Prof. Dr. Marton Sergio Moreira Maués

BELÉM

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S725d Sousa, Bruno José Ferreira de
 O drama por trás de uma promessa: uma vida anulada na casa
 'DUSZÔTRO' / Bruno José Ferreira de Sousa. 2023.
 42 f.

 Orientador: Prof. Dr. Marton Sergio Moreira Maués.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
 de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura
 em Teatro, Belém, 2023.

 1. Teatro (Literatura). 2. Dramaturgia. 3. Desigualdade social. 4.
 Exploração doméstica. 5. Título.

CDD - 23. ed. 869.92

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA




ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e três, às dezesseis horas, reuniu-se, na sala 06, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores **Prof. Dr. Marton Sergio Moreira Maués** (Orientador e Presidente), **Profa. Ma. Priscila Romana Moraes de Mello** (Examinadora Externa) e **Prof. Dr. Francisco Edilberto Barbosa Moreira** (Examinador), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno **BRUNO JOSÉ FERREIRA SOUSA**, matrícula 201611240010, intitulado "O drama por trás de uma promessa: Uma vida anulada na casa 'duszôtro". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE, feitas as seguintes observações: _____ e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 01 de dezembro de 2023.


Prof. Dr. Marton Sergio Moreira Maués
Orientador e Presidente de Banca


Profa. Ma. Priscila Romana Moraes de Mello
Examinadora


Prof. Dr. Francisco Edilberto Barbosa Moreira (Examinador)
Examinador

Endereço: Travessa Dom Romualdo de Seixas, nº 820 – Umarizal – Belém/PA – CEP: 66.050-110
Contatos: (91) 3212-5050 | e-mail: secacademicetdufpa@gmail.com

Digitalizado com CamScanner

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosa Maria Ferreira de Sousa, uma ribeirinha de Muaná, que aos 12 anos foi iludida com a promessa de uma educação melhor na capital, Belém do Pará, mas foi surpreendida com a exploração doméstica cruel e desumana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe, que em seus reduzidos limites, fez de tudo para suprir todas as minhas necessidades emocionais de um filho abandonado pelo genitor.

Aos meus irmãos (2) e irmãs (3), que sempre acreditaram que eu seria a 'salvação' da família, mesmo que eu não tenha tido estrutura nem para salvar a mim mesmo.

Às minhas filhas (4) e filho, que me deram motivos para seguir em frente e permanecer na jornada da vida.

À minha companheira de vida, que me apoia mesmo achando que eu quero ser ator só para beijar as meninas.

“Eu quero uma de vossas filhas
De marré, marré, marré
Eu quero uma de vossas filhas
De marré descí”
Cantiga de Roda

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como proposta desenvolver uma dramaturgia baseada na história de vida de Rosa Maria Ferreira de Sousa, minha mãe, uma mulher ribeirinha que nasceu em abril de 1954 e em 1966, aos 12 anos de idade, deixou sua vida relativamente tranquila no interior do Marajó (PA) e migrou para Belém do Pará, sob a promessa de estudar e ter uma vida melhor. No entanto, ao chegar na cidade, ela foi surpreendida por uma realidade cruel: a exploração doméstica em condições análogas ao trabalho escravo. O processo de pesquisa envolve memórias minhas e uma entrevista com minha mãe. A dramaturgia a ser construída tem o objetivo de colocar em evidência uma história triste e ainda comum em nossa região, bem como denunciar a realidade da exploração doméstica, sobretudo de meninas pré-adolescentes. A obra não busca retratar de forma literal todos os desafios enfrentados por minha mãe, mas sim de criar cenas fortes inspiradas nas vivências pessoais e nas injustiças que ela também presenciou com outras domésticas que ousavam questionar as condições as quais eram submetidas e nas cenas que testemunhei enquanto filho de Dona Rosa, que foi apadrinhado por uma de suas patroas. Por meio dessa dramaturgia, que tem como título “Duszôtro”, busca-se convidar a reflexão do público sobre a existência da exploração doméstica e sua relevância no contexto social atual. A obra visa proporcionar uma reflexão sobre a desigualdade social, as violações dos direitos humanos e a importância de combater essa forma de exploração, além de incentivar ações de enfrentamento e políticas públicas voltadas para a proteção das vítimas e a promoção da igualdade de gênero.

Palavras-chave: dramaturgia; exploração doméstica; desigualdade social; duszôtro.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to develop a dramaturgy based on the life story of Rosa Maria Ferreira de Sousa, my mother, a riverside woman who, at the age of 12 in 1966, left her relatively tranquil life in the interior of Marajó (PA) and migrated to Belém do Pará, under the promise of studying and having a better life. However, upon arriving in the city, she was confronted with a harsh reality: domestic exploitation under conditions akin to slavery. The research process involves my own memories and an interview with my mother. The dramaturgy to be constructed aims to highlight a sad yet common story in our region and expose the reality of domestic exploitation, especially of pre-adolescent girls. The work does not seek to portray literally all the challenges faced by my mother, but rather to create powerful scenes inspired by personal experiences and the injustices she witnessed with other domestic workers who dared to question the conditions to which they were subjected, as well as scenes I witnessed as the son of Ms. Rosa, who was sponsored by one of her employers. Through this dramaturgy, titled "Duszôtro," the goal is to invite the audience to reflect on the existence of domestic exploitation and its relevance in the current social context. The work aims to provoke reflection on social inequality, human rights violations, and the importance of combating this form of exploitation. It also encourages actions and public policies focused on protecting victims and promoting gender equality.

Keywords: dramaturgy; domestic exploitation; social inequality; duszôtro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1	Dona Rosa (25) e seu filho Bruno (0) no colo. 1979	10
FIGURA 2	Dona Rosa (68) durante a entrevista. 2022	11
FIGURA 3	Dona Rosa (39), sua filha Camila (3) e seu filho Bruno (14). 1993	20
FIGURA 4	Dona Rosa (67) em meios a flores. 2021	22
FIGURA 5	Quatro imagens de uma cena experimental de “Duszôtro”. 2022	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DESABROCHANDO MEMÓRIAS.....	10
2.1.1	Entrevista transcrita	13
2.2	(Re)construindo laços	19
2.3	Migalhas de dignidade.....	21
3	AS PÉTALAS DA ROSA.....	22
3.1	O estigma da flor.....	22
3.2	Primeira pétala: as negociações	23
3.3	Segunda pétala: rotinas exaustivas	24
3.4	Terceira pétala: latas e vidas marcadas.....	25
3.5	Quarta pétala: eu deixei aqui. eu não sou louca.	25
3.6	Quinta pétala: ponha-se daqui pra fora.	26
4	A DRAMATURGIA	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a debruçar-se sobre a trajetória de uma mulher ribeirinha, do interior do estado do Pará, que nutria o sonho de se alfabetizar. Entretanto, suas aspirações a conduziram a um destino inesperado. Na busca por uma educação de qualidade e um futuro promissor na capital, Belém do Pará, ela se tornou vítima de uma exploração doméstica implacável, uma realidade lamentavelmente comum nas décadas de 60 que, de maneira velada, perdura até os tempos atuais. Além de compreender esta realidade, a proposta também é dar início a construção de uma dramaturgia que reflita a complexidade desta trajetória.

Adaptando as palavras de Maria Lúcia Medeiros, trágico foi o equívoco da pequena Rosa ao acreditar que o que a aguardava era acolhimento e boas-vindas.

Ao saltares dessas águas barrentas, ao abandonares sem saudade, rápido se perdeu teu barco entre os tantos aportados naquele cais. Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouvistes sinos. (MEDEIROS, 1997, p. 11).

Através da dramaturgia, este trabalho tem o intuito de jogar luz sobre essa realidade cruel enfrentada por inúmeras mulheres e, ao mesmo tempo, suscitar a reflexão acerca desse tema. Além disso, criar um veículo de denúncia a partir do ponto de vista de alguém que vivenciou de perto essa dura realidade: o filho dessa mulher, que cresceu na casa de uma das empregadoras de Dona Rosa, testemunhando inúmeros e recorrentes episódios de abusos.

Este trabalho, assim, é uma tentativa de contar uma história de resiliência e superação, mas também de expor as injustiças e desigualdades que permeiam a vida dessas mulheres. É um chamado à reflexão, à ação e à empatia. Através da dramaturgia, esperamos traçar um retrato dessa realidade multifacetada e, assim, honrar a jornada de vida de minha mãe e das mulheres que compartilham uma história semelhante.

2 DESABROCHANDO MEMÓRIAS

Minha história com minha mãe, Dona Rosa Maria Ferreira de Sousa, foi moldada por circunstâncias peculiares. Logo após meu nascimento, fui amadrinhado por uma das patroas dela, uma família que se encantou com meus cabelos louros e olhos verdes. Isso me levou a passar a maior parte da minha vida em um ambiente que estava longe de ser um lar, mas onde desfrutei de inegáveis privilégios em relação às outras pessoas que trabalharam na casa, a maioria delas mulheres negras.

FIGURA 1 – Dona Rosa (25) e seu filho Bruno (0) no colo, na sala de minha madrinha.



FONTE: Acervo Pessoal (1979)

Eu cresci ouvindo diversas histórias sobre como aconteceu esta separação, sobre que contexto dona Rosa deixa de trabalhar na casa da minha madrinha e eu fico ali amadrinhado. Sempre estive entre as duas versões da história que nunca foram reveladas de fato por causa dos detalhes que se perderam nos fios puídos da memória. Entrevistar minha mãe com esta proposta acadêmica me permitiu também resgatar boa parte da versão de dona Rosa para este capítulo que me é tão caro.

Essa entrevista não foi apenas um evento singular, mas sim um ato de resgate e empoderamento das palavras de uma mulher que, durante muito tempo permaneceu silenciada por uma sociedade que negligenciou suas dores e aspirações. Foi uma conversa que transcendeu o mero compartilhar de memórias; foi um mergulho

profundo nas águas da experiência humana e uma oportunidade de reconhecer a força inquebrantável que existe por trás da história de vida de Dona Rosa. Ela, como muitas outras, é um exemplo da resiliência da alma humana em face das adversidades. Foi assim que, no dia 3 de novembro de 2022, por volta das 19h, decidi realizar uma entrevista com Dona Rosa.

O processo de recuperação de memórias foi desafiador. Revisitar o passado e trazer à tona lembranças muitas vezes esquecidas exige um esforço considerável. Enquanto nossa memória pode ser seletiva, os detalhes das experiências de vida de dona Rosa estavam, de certa forma, dispersos em fragmentos. Como montar um quebra-cabeça complexo, tentamos unir esses fragmentos. O esforço de recordar e estruturar essas informações se tornou fundamental para a criação da dramaturgia que pretendemos compartilhar. Como nos alerta Ecléa Bosi: “A memória de velhos é diferente da história oficial. Os depoimentos são cheios de lacunas” (2005).

FIGURA 2 – Dona Rosa (68) durante a entrevista



FONTE: Elaborado pelo autor (2022).

É sempre um desafio trabalhar com o resgate de memórias, o tempo não é uma linha reta, mas, ao invés disso, é fluido e mutável. O passado, presente e futuro não são separados de maneira rígida, mas sim permutáveis e, em certo sentido, coexistentes.

O tempo, passado, presente e futuros são totalmente intercambiáveis. Na multiplicação dos tempos e espaços dos fragmentos da memória, se criam dobras que se dobram sobre si

mesmas numa sequência de remissões ao conjunto que as lembranças pertencem (Lopes, 2009, p. 137).

Consoante com o conceito de Beth Lopes (2009), os "tempos" aqui não se referem apenas a unidades de medida, mas também às diferentes fases da vida de uma pessoa ou às diferentes experiências ao longo do tempo. A memória é retratada como uma multiplicação desses tempos e espaços, sugerindo que nossas memórias não seguem necessariamente uma ordem cronológica, mas podem se misturar e se dobrar.

As "dobras", mencionadas no texto, são como sobreposições de memórias e experiências, onde o passado se entrelaça com o presente e o futuro. Essas dobras ocorrem como resultado das remissões, ou seja, das conexões que nossa memória faz entre diferentes momentos e experiências.

Esta empreitada, entretanto, revelou-se desafiadora. Dona Rosa, uma mulher de natureza tímida, demonstrou de maneira comovente suas emoções e a dificuldade de abordar alguns temas mais delicados, que respeitosamente ficaram de fora deste trabalho. Entrevistá-la foi um exercício que exigiu uma grande dose de cautela, empatia e sensibilidade. Suas palavras, entrecortadas por pausas e lágrimas, revelaram uma narrativa que, embora árdua, é fundamental para a compreensão de sua trajetória de vida.

2.1.1 ENTREVISTA TRANSCRITA

QUAL SEU NOME?

Rosa Maria Ferreira de Sousa.

ONDE A SENHORA NASCEU?

Nasci numa cidade... no interior.

QUAL O LOCAL QUE ESTÁ NA SUA CERTIDÃO?

Porque na época era aquela certidão de ... que era escrita com tinta ... caneta ... Aí essa certidão manchou, ela ficou toda manchada. Não sei se era Boa Vista ou Muaná, não estou lembrada.

O QUE FEZ A SENHORA VIR DO INTERIOR PRA CAPITAL?

Nós estávamos morando numa ... num vilarejo chamado Fazenda Industria Mariaí. Minha mãe ... Nós fomos de um interior pra esse local e lá meus irmãos começaram a trabalhar na serraria e lá um senhor falou pra mamãe que tinha uma família em Belém que precisava de babá. Se a mamãe não queria me dar pra ela. E a mamãe disse 'sim'. E a mamãe me mandou pra essa família pra ser babá. O nome dela é Alaíde. Eu chamava ela de 'minha madrinha' ... 'Minha madrinha Alaíde' e o nome do esposo dela era Jorge Balieiro.

A SENHORA LEMBRA MAIS OU MENOS O ENDEREÇO?

Ahh Isso eu lembro perfeitamente. Ali na Barão do Triunfo perto do SENAI. Na época em quem as ruas eram de piçarra, as casas eram de madeira com poço no quintal. Hoje, olha como que tá hoje.

TINHA SIDO COMBINADO UM SALÁRIO?

Eles ficaram de me dar... calçado, vestido...era só isso. Eu cuidava dum menino. Cuidava do menino, lavava a roupinha dele. Cuidava dele, reparava ele, cantava pra ele dormir, cuidava dele. É... Foi com 12, 13... Fiquei até os 13 anos. Perto dos 14 anos a mamãe foi lá me visitar e eu vim embora com a mamãe. A saudade era grande e eu vim embora com a mamãe. Mas lá no interior novamente a mesma pessoa me arrumou um outro trabalho na Rua Cintra, Cidade Velha, a mesma pessoa,

inclusive a família dele morava lá nessa rua. Lá eu tinha 14 anos, é... eu fiz 15 anos lá nessa casa. Eles eram um casal de cearense. Era Seu Aroldo, Dona Teresa, a Mãe dele que chamavam de Tatá ... 4 filhos.. Eu me lembro que eu sabia que eu tava fazendo 15 anos. E eu ficava pensando assim 'Em eles fazerem.. Ah eles vão fazer um bolo pra mim com certeza. Aí passou a manhã. Ah não fizeram o bolo, vai ser de tarde. (risos) Eu pensava assim. Aí passou a tarde. Ah não fizeram. Com certeza amanhã vão fazer. Aí passou manhã, passou outro.. passou e não fizeram o bolo nem nada. Aí eu passei os 15 anos... era... eu pensava assim. Passou assim os anos, assim. Assim, normal, como num dia normal. Os 15 anos.

QUANTO TEMPO A SENHORA FICOU NESTA CASA?

Aí eu fiquei lá até o ... eu acho que eu fiquei lá até o presidente João Kenedy ser assassinato. Eu me lembro bem. Ah, mataram o presidente, assassinaram o presidente Kenedy¹. Ai depois eu fui passear de novo com a minha mãe e fiquei pra lá. Aí depois voltei já pra outros empregos.

COMO ERAM AS SUAS DORMIDAS NESSAS CASAS?

Ahhhh. Deixa eu ver...teve casa que a dormida não foram bacana não. Depois que eu saí desse do Cearense que eu fiz 15 anos lá e que eu fui pra outra casa, que eu fui trabalhar numa outra casa. Lá a minha dormida... quando eu cheguei lá me botaram pra dormir num quarto horrível... Só...Só limo assim nas paredes, limo no chão, aquela sujeira, aquelas placas de coisa, um quarto que parecia que estava abandonado há muito tempo. Só sujeira, sujeira que chega eu fiquei assim. Eu tentava limpar, limpar, tinha que... um monte de sujeira, sujeira, mas não tinha outro jeito. Tinha eu dormir lá. Era lá que eu tinha que dormir. Eu fui tentando limpar, limpar, limpar. Melhorou muito, mas não ficou muito bom. Aí depois eu saí de lá também porque também não recebia nada, só trabalhava. Aí eu fui mudando de emprego, fui mudando, fui mudando, fui mudando. Mas os empregos era sempre assim. Me

1. O presidente John Kennedy foi assassinado em 1963, quando dona Rosa tinha 9 anos. Entretanto ela diz ter nítida esta memória em sua mente. Em respeito a Dona Rosa, este relato foi mantido, ainda que não tenha coerência cronológica conhecida dentro da narrativa. É possível que ela tenha ouvido algum relato ou conversa sobre esta notícia e tenha registrado como se fosse um fato ocorrido naquele tempo.

prometiam um salário... é como se me prometessem pagar hoje em dia 50 reais, vamos supor ... aí quando chegava no dia do pagamento, vinham com 20 e diziam 'pra semana eu te dou o resto', mas pra semana não davam. Aí eu ficava feliz porque ia aumentar pro final do mês. Aí eu ia receber 50 mais os o restante. Aí não recebia também nada no final do mês. Vinham com 20 ou 30, aí 'depois a gente te dá o resto' e esse depois...esse resto nunca veio. Aí eu trabalhava, trabalhava, trabalhava. Limpava, lavava, passava, cozinhava ... nessa daí limpava o chão que era taco, taco. Tirava, lixava, tirava todo o pó, passava o pano, enxugava, passava cera no chão todinho e ... e dava o brilho com as mãos. Quando a munheca doía eu ia com os pés. 'Isso' que era a enceradeira. E e e tinha que limpar, lavar as paredes. Botava escada, subia e vinha lavando essas paredes de cima a baixo. Quando terminava tudinho o serviço tava um brinco. As paredes parece que tinham sido pintadas e o chão brilhando. E nessa mesma casa tinha a sala grande que eu brilhava. O corredor, a cozinha, quarto grande assim separado e um quartinho que era o quarto de empregada. E eu tinha que lixar tudo isso aí e dá o brilho. O quarto que eu dormia, o quartinhozinho que quando eu chegava a noite eu não conseguia dormir por causa de muito rato. Rato. Rato daqueles grandes nojentos. Parece que o quarto tinha um buraco assim que quando chegava a noite entrava os ratos. Eu atava a minha rede assim e quando eu via aquele monte de rato. 'qui qui qui qui' Um monte de rato assim. Aí eu ficava assim. Eu pegava a vassoura, espantava, espantava, espantava. Aí iam saindo tudinho pelo buraco. Aí eu pegava um pano velho, jornal e metia no buraco lá, tudinho. E ia me deitar. Quando tava querendo dormir, lá vem os ratos de novo tudinho. Um monte de rato. E eu passava a noite naquela agonia. Trabalhava direto que tinha que limpar todo dia, lavar, limpar, limpar janela, tudinho. E nem descansar e nem dormia direito. E tinha uma sala grande lá que em vez de eu ir pedir pra eu dormir na sala grande lá ... mas eu tinha vergonha de pedir porque podia não deixar, porque uma vez tinha aquelas caminhas, que hoje eu não sei se ainda tem, aquelas camas que dobra [Cama de Campanha], parece essas cadeira de praia que a gente dobra, tinha umas camas assim que dobrava e encostava na parede, quando era pra dormir, abria. Eu não sei se ainda tem. Aí no outro quarto tinha uma cama dessa né? E eu agoniada ali naqueles ratos. Aí eu pedi assim pra patroa se eu podia dormir naquela cama lá. Ela disse 'Hum. Essa cama é pra quando chegar gente ... convidado

pra dormir.' Pronto foi só isso, Não me deu...eu fiquei lá dormindo no quarto na minha redinhazinha velinha.

A SENHORA NÃO PENSAVA EM SAIR DE LÁ, PROCURAR OUTRO LUGAR?

Teve uma vez que eu sai lá do prédio e tava andando no corredor aí uma senhora me disse assim: 'Ei. Tu quer trabalhar comigo?' eu disse 'Quero'. Porque eu queria só sair pra ver melhora né? Aí então 'Umbora'. Aí eu fui pro apartamento dela. Era no mesmo prédio ali no Ed. Antônio Junior na João Balbi. Aí eu fui pra lá com ela. Aí logo logo ela se mudou pra Humaitá e aí vim com ela. Pra Humaitá. E eu estudava ali no Barão do Rio Branco, em Nazaré. E quando foi uma noite, o ônibus custou a passar ... eu estudava à noite e saia 10 horas. E o ônibus custou a passar, custou, custou, custou, custou a passar e eu fui a pé lá da Generalíssimo pra Humaitá. A pé. Aí como já era tarde, eu cheguei tarde. Quando cheguei lá, a mulher perguntou o que eu tava fazendo, porque eu tinha chegado tarde. Eu disse que o ônibus tava demorando muito e eu vim a pé. Tinha ido a pé. E que eu saí do colégio 10 horas, fui pra parada e o ônibus estava demorando muito, demais, demais, eu resolvi vir a pé, por isso eu cheguei tarde. Ainda era na Humaitá entrando ainda... Aí ela me disse assim 'Que colégio nada... que tu não tem nem nome em colégio. Tu tava era na vadiagem.' Aí eu disse assim pra ela 'Vá lá no colégio pra você ver..'. E ela disse 'Você não, Me respeite !!!'. Tanto que depois eu fiquei com receio de ficar dizendo 'você' pras pessoas. (risos) Aí no dia seguinte eu fui embora, peguei minha sacolinha que eu não tinha quase nada e fui me embora pro interior.

FOI EMBORA, MAS VOLTOU DEPOIS ?

Aí me arrumaram uma outra casa. Aí já me esqueci o nome da rua, mas era ali perto do pronto socorro, era uma vila até. Aí eu fui pra essa casa, era um casal, uma moça, um rapaz, uma senhora e um senhor. Aí lá era muito difícil, eu também trabalhava, fazia as coisas, e era muito difícil a comida ... A alimentação lá. Era tão pouca, tão pouca que o que sobrava eu tinha vergonha de comer, aí eu passava fome (risos). Aí quando eu vi que eu não aguentei mais de fome eu perguntei pra uma daquelas colegas que trabalhavam lá, se elas não sabiam de uma pessoa que precisava de empregada: 'Ah. Bem ali tem uma senhora...' Aí lá eu fui pra casa da senhora, cuidar de dois meninos também. Lá eu lavava também, limpava a casa e

cuidava dos meninos. Quando foi uma noite, a minha mãe viajava sempre né? ... aí quando foi uma tarde eu disse pra ela [*para a patroa*] que eu ia no barco visitar, ver a minha mãe que ela tinha vindo aqui em Belém e já tava indo embora, então eu queria ver a minha mãe. Aí eu fui. O barco saía 8 horas e eu saí de tardinha assim, umas 5 horas, fui lá no barco, conversei com a mamãe, falei com a mamãe e aí o barco saiu 8 horas, mas eu não fiquei até o barco sair. Eu disse assim: 'eu já vou mamãe que eu tenho que pegar o ônibus e eu já vou...' E eu saí ... então me despedi dela, tomei a bença dela e saí.

O PORTO ERA LONGE?

Era por ali em frente... perto da Presidente Vargas. Quando eu cheguei lá era cedo, era cedo, porque eu vim e peguei logo o ônibus e vim embora, então eu cheguei cedo. E eu apertei essa campainha, eu apertei essa campainha, apertei, apertei, apertei, bati na porta, bati e nada. E eu lá inquieta, será que ela saiu? Ficava esperando, dei um tempo ... Eu pensei: 'Mas estão demorando' ... Eu só sei que eu fiquei apertando a campainha até tarde, acho que já o que? Umás 11 e meia. E eu apertando ali na campainha, apertando na campainha. E quando já era assim tarde, ela abre a porta, ela abre a porta, ela abre a porta aí eu entro e ela diz de lá: 'Eu não quero empregada que sai e chega tarde' eu disse 'Mas eu não cheguei tarde, eu cheguei cedo e tô aqui apertando aqui nessa campainha faz muito tempo... que eu tô apertando' ... 'Não eu não quero não. E também não quero mais, pode ir embora...' Naquela hora, já era tarde, já era o que, umas 11 e meia: 'Mas pra onde eu vou uma hora dessa?'. 'Não quero saber, eu não quero mais' Aí eu peguei de novo a minha sacolinha e saí na rua já e não tinha ninguém na rua, eu digo 'Pra onde eu vou? Pra onde eu vou?' Aí eu me lembrei que a minha irmã Estela trabalhava numa casa ali no Edifício Sandra, ali na Alcindo Cancela com a Diogo Mória [*Com a João Balbi, na verdade*]. Eu digo, agora eu vou bater lá no emprego da minha irmã. E fui caminhando de lá de perto do, esqueci o nome daquela rua... era perto do pronto socorro, eu vim caminhando... O prédio era daqueles que a gente entrava, que não tinha nenhum problema, podia entrar.

NÃO TINHA NEM PORTEIRO?

Tinha, tinha sempre um lá mas não tinha essa burocracia toda como agora. Cheguei, entrei, e fui pelo corredor lá ... que dava certinho pra cozinha que a minha irmã trabalhava e na janela do quarto dela, aí lá eu bati: ‘Mana, Estela, Estela...’ ... ‘O que é?’ ... ‘Sou eu a Rosa’ ... Aí ela vem espantada e abriu a porta: ‘O que tu tá fazendo uma hora dessa?’ ... ‘Ah, a mulher me mandou embora...’ Aí eu contei a história pra ela. Aí entrei lá, dormi, de manhã ela falou com a patroa que a gente ia procurar um emprego.

E ACHOU LOGO? FOI PRA ONDE?

Aí ... eu passei por muitas casas. Até eu me lembrar... Eu trabalhei na dona Anunciada que foi uma excelente patroa, na dona Milena, que não moram mais aqui. Foram excelentes patroas ... o dinheiro que elas me prometeram, elas me pagavam, as duas. Só não lembro quanto era na época, mas me pagavam direitinho.

AS DORMIDAS ERAM MELHORES NESTAS CASAS?

Eram boas, as dormidas eram boas sim. Já foi melhor, foi as duas casas melhores. A Dona Milena então, ela queria até que eu sentasse na mesa com ela, orasse, agradecesse e comesse com ela. Eu ficava com uma vergonha, porque eu não era acostumada, mas ela mandava ... então... Eram canadense ... canadense. Foram embora.

SE A SENHORA PUDESSE VOLTAR NO TEMPO, O QUE MUDARIA?

Aiiii.. eu acho que... eu penso muito. Se eu pudesse voltar no tempo, eu queria poder ter um pouco de sabedoria, de entendimento, de saber cuidar de mim, dos filhos, educar, disciplinar, aconselhar, dar carinho, dar amor... coisa que eu não tive e não dei. Eu não sabia nem cuidar de mim. E foi assim a minha vida. A minha vida foi assim. Às vezes a gente quer reclamar assim: ‘Ah porque aconteceu, porque eu passei por isso? ... mas se for pensar bem, teve gente que passou pior, muito pior. Teve gente que passou muito pior. Então temos que agradecer a Deus, já que a palavra diz que devemos dar glória em tudo, então ‘Obrigada Senhor’. Essa é a minha história. Um pedacinho dela. [*Acenando para a câmera*] tchau, boa noite, passar bem. Não liguem muito pra minha história não.

FIM DA ENTREVISTA

No entanto, surge uma questão imperativa: qual é o meu papel agora que foram confiadas a mim essas narrativas tão profundas? Após ser o depositário de relatos que se entrelaçam com minha própria história, não posso permanecer indiferente. Como nos lembra Bosi (2005): "O escutador torna-se responsável eticamente pela narrativa e pelo narrador, não pode abandoná-lo". Isso implica que na responsabilidade de dar voz a essas histórias, de torná-las visíveis e de assegurar que não se percam no abismo do silêncio. É um chamado para agir, para utilizar essas narrativas como um veículo de reflexão e transformação, não apenas para minha própria compreensão, mas também como uma contribuição para a discussão da sociedade sobre as realidades que essas histórias revelam.

2.2 (RE)CONSTRUINDO LAÇOS

A torrente de emoções desencadeada por esta entrevista foi algo verdadeiramente indescritível. É inevitável admitir que, ao longo da minha vida, existiu um distanciamento enorme entre minha mãe e eu. Embora as complexidades desse relacionamento talvez só possam ser decifradas através das lentes de Freud, confesso que sempre carreguei um sentimento de rejeição por ter sido entregue para viver com uma família que não era a minha de sangue. A sensação de ter sido duplamente abandonado, primeiro pelo meu pai e depois por minha mãe, foi um fardo pesado para carregar. Mesmo reconhecendo que as intenções eram as melhores possíveis e que minha mãe nunca teve de fato poder de decisão. Sempre permitindo que terceiros moldassem seu destino, ela nunca encontrou forças para expressar sua vontade própria. Uma simples pergunta, como "Mãe, como a senhora prefere seu ovo?", resulta em uma resposta automática: "De qualquer maneira... Do jeito mais simples... Do mesmo modo que o teu.". Dona Rosa perpetuamente se anula, evitando contrariar qualquer pessoa, mesmo que isso vá de encontro aos seus verdadeiros desejos.

Compartilhar esses momentos singulares não apenas durante a entrevista, mas também em outras conversas relacionadas a este trabalho, me permitiu enxergar perspectivas que anteriormente me eram ocultas. Eu vejo uma Dona Rosa atormentada por sua própria autocrítica, enredada na teia da insegurança e da culpa

por suas escolhas de vida. Principalmente, percebo o quanto somos semelhantes, uma semelhança que me leva a questionar se, eu em suas circunstâncias, não tomaria decisões semelhantes ou até piores. Reconheço que não tenho o direito de julgar ou sequer tentar avaliar porque uma determinada escolha foi feita em vez de outra. Dona Rosa foi convencida de que suas decisões eram, de fato, para meu próprio bem. O tratamento que eu recebia, embora doloroso em muitos aspectos, representava um tratamento privilegiado em comparação com o que era imposto às outras empregadas.

Esses momentos de proximidade abriram portas para compreensão e perdão, tanto do meu lado como do dela. Uma jornada de reconhecimento e reconciliação que continua a se desenrolar, criando elos mais fortes entre nós. Nas conversas que tivemos sobre este trabalho, minha mãe me lembrou de coisas que minha memória já tinha perdido. Ela constantemente ia me visitar e nunca me abandonou de fato.

Ela sempre esteve presente dentro de suas condições. Relembramos juntos alguns momentos em que ela ia no colégio me buscar, ia me levar algum presente, filé com fritas que ela ganhava de uma patroa que era dona de restaurante, nos lembramos até de um momento que foi registrado, o que era muito raro, quando eu tinha 14 anos. Na ocasião ela estava com minha irmã Camila de 3 anos e grávida de minha irmã Sabrina.

FIGURA 3 – Dona Rosa (39), sua filha Camila (3) e seu filho Bruno (14)



Fonte: Acervo pessoal (1993)

2.3 MIGALHAS DE DIGNIDADE.

É inacreditável e, ao mesmo tempo, desconcertante o otimismo inabalável que permeia a personalidade de dona Rosa, independentemente das adversidades com as quais cruzou ao longo de sua vida. Em suas narrativas, sempre sobressai algo que denomino de "Migalhas de Dignidade". São aqueles raros momentos em que, longe das humilhações e vexames, minha mãe descreve situações com um brilho de alegria nos olhos.

Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a Rainha Elisabete da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em joias que o presidente Kubstchek lhe enviou como presente de aniversário. (Jesus, 2014, p.53).

Ela celebra quando recorda de uma patroa que a tratou com respeito, permitindo que compartilhasse a mesa, ou quando o pagamento acordado era efetuado no exato valor. Dona Rosa se enche de gratidão ao mencionar patroas generosas que doavam roupas, louças e brinquedos. Ela descreve com encanto aquelas que permitiam seu acesso ao banheiro social da casa, ou que lhe davam a liberdade de circular pela sala e até mesmo assistir televisão após cumprir suas tarefas.

Ao perceber a alegria que essas situações trazem a minha mãe, questiono quão severa deve ter sido sua trajetória para transformar gestos comuns de civilidade em motivos de celebração e, por vezes, quase um motivo de adoração das patroas que simplesmente não eram tão cruéis quanto as demais. Essas "Migalhas de Dignidade" iluminam uma realidade muitas vezes sombria, onde o respeito e a humanidade eram a exceção, não a norma.

3 AS PÉTALAS DA ROSA

3.1 O ESTIGMA DA FLOR

Dona Rosa é apaixonada por flores, talvez por causa de seu nome. Ela é daquelas que se vê uma planta bonita já vai perguntando: “Pega de galho? Posso levar um galinho?”. Não pode ver um jardim que já quer registrar uma bela fotografia, ainda que sempre reclamando: “Axi. Agora hoje em dia vocês tiram essas fotos e a gente nunca mais vê. Não se revela mais, então nem adianta.”

FIGURA 4 – Dona Rosa (67) em meios a flores.



FONTE: Acervo pessoal. (2021)

Como pólen da flor desta dramaturgia, iniciamos o processo de germinação a partir das vivências e experiências de Rosa Maria, começando aos seus 12 anos. Ocasão em que a mãe dela recebeu uma proposta inusitada de um estranho. Esse indivíduo questionou se ela estaria disposta a "dar" sua filha para trabalhar como babá na capital. O pleito claramente absurdo logrou êxito. Ressalto que não há aqui qualquer intenção de emitir julgamentos, uma vez que deve se considerar o contexto socioeconômico de uma família ribeirinha e a ingênua expectativa de proporcionar uma legítima oportunidade de desenvolvimento pessoal na capital.

O trabalho doméstico infantil em casa de terceiros é uma das formas mais comuns e tradicionais de trabalho infantil, sendo caracterizado por todas as atividades econômicas realizadas por pessoas menores de 18 anos fora de sua família nuclear e pelas

quais elas podem ou não receber alguma remuneração. (OIT - Organização Internacional do Trabalho)

Embora para algumas famílias esse trabalho possa parecer uma necessidade financeira, a prática compromete seriamente o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças envolvidas. A falta de acesso à educação de qualidade, o tempo reduzido para atividades recreativas e o impacto nas dimensões sociais e emocionais das crianças tornam o trabalho infantil doméstico um desafio persistente a ser enfrentado.

A afirmação feita em “Infâncias e pós-colonialismo: pesquisas em buscas de pedagogias descolonizadoras” de que “a criança é um sujeito histórico, participante ativa da construção da realidade social, produto e produtora de cultura, criadora de conhecimentos e saberes” (FARIA, et al., 2015) me faz perceber o quão dona Rosa estava distante deste contexto mais otimista, assim como muitas outras crianças amazônicas em situações semelhantes. A sua família, movida pelas mais nobres intenções, talvez tenha vislumbrado um futuro promissor nessa decisão, mas infelizmente, o desenrolar dos acontecimentos não foi o mais auspicioso

Explorando as complexas circunstâncias que envolveram essa decisão e buscando compreender as motivações da família de dona Rosa, nascem as **CENAS I e III** de “**DUSZÔTRO**”.

3.2 PRIMEIRA PÉTALA: AS NEGOCIAÇÕES

Por inúmeras ocasiões, fui testemunha ocular das negociações que ocorriam por telefone. Frases como “*Tu não tens uma garota do interior pra mim?*” ou “*Fulana está precisando de uma garota para cuidar de seu filho. Tu não consegues alguém do interior?*” ou até mesmo “*Olha, tu não queres a fulana para te acompanhar? Eu te empresto ela.*”

É essencial notar que essas conversas frequentemente destacavam a objetificação das pessoas ou reforçavam a ideia de posse sobre elas. O que é

impressionante é que esse tipo de diálogo ocorria com uma naturalidade alarmante. Em uma simples ligação telefônica, vidas inteiras eram inesperadamente sentenciadas em questão de minutos.

A maior parte delas era do interior e foi para Belém entre 10 e 14 anos. Sem contato com a família ou amigos, criaram laços confusos com os patrões, que misturavam o papel de chefe com o de pai e mãe – com quem quase não têm contato. (Aranha, 2012)

Nesse retrato que emerge das entrevistas conduzidas por Ana Aranha, o caso de dona Rosa se enquadra na triste realidade de inúmeras meninas que, saindo de seus lares no interior, são enviadas para servir famílias de classe média na capital. Este cenário sombrio se repete inúmeras vezes, desdobrando-se em uma trama de vidas que, muitas vezes, permanecem à margem da sociedade, invisíveis aos olhos daqueles que não se debruçam sobre suas histórias.

Destas observações e deste contexto nasce a CENA II de “DUSZÔTRO”.

3.3 SEGUNDA PÉTALA: ROTINAS EXAUSTIVAS

No jantar, a família optava por sopas ou caldos quentes. Eu, podia tomar mingau de aveia com leite em pó, enquanto as empregadas tinham que se contentar com mingau de trigo, sem leite, apenas com açúcar.

Lembro-me de uma ocasião em que minha mãe não tinha com quem deixar meu irmão mais novo e, sem outro jeito, o levou para o trabalho. Faminto, ele olhava para o cesto de frutas, e minha mãe ousou pedir uma banana para saciar sua fome. A patroa, visivelmente contrariada, revirou o cesto até encontrar a banana mais madura, com casca já escura e partes quase estragadas. Entregou-a a minha mãe com um comentário sarcástico: "Toma e chega... porque é mais fácil sustentar um burro à pão de ló do que esse menino à banana."

A partir destas lembranças de exploração, nasce a CENA IV de “DUSZÔTRO”.

3.4 TERCEIRA PÉTALA: LATAS E VIDAS MARCADAS.

Cada vez que uma lata era aberta, marcava-se meticulosamente, tanto por dentro quanto por fora, com uma caneta. Se, por acaso, o conteúdo da lata não estivesse perfeitamente alinhado com a última marca feita pela senhora da casa, desencadeava-se um turbilhão de confusão, acusações e humilhações.

Porém, uma cena presenciada naqueles tempos ainda ecoa de maneira vívida em minha memória. O foco dessa vez era uma lata grande, um pote de achocolatado de um quilo chamado Superlak. O achocolatado no interior da lata estava visivelmente abaixo da marcação, e isso desencadeou uma confusão intensa e um interrogatório acalorado.

Uma das empregadas, tomada por um arroubo de revolta, confessou que havia mexido no conteúdo da lata. A reação que se seguiu foi um ato brutal de tortura e violência. A filha da senhora, segurando os cabelos da empregada franzina, assistiu enquanto a patroa enfiava colheradas do achocolatado à força na boca da empregada. Isso prosseguiu até que a lata estivesse completamente vazia. Durante esse tormento, a empregada sofreu agressões, vomitou e chegou até mesmo a urinar-se, enquanto suplicava em prantos para que a tortura tivesse fim.

Essa memória angustiante que permeavam o cotidiano das empregadas naquela casa, dá origem as CENA V e VII de “DUSZÔTRO”.

3.5 QUARTA PÉTALA: EU DEIXEI AQUI. EU NÃO SOU LOUCA.

Uma situação lamentavelmente recorrente naquela casa era o misterioso desaparecimento de dinheiro, joias e outros objetos de valor. Com frequência, esses pertences eram encontrados posteriormente, mesmo após as empregadas já terem sido injustamente demitidas sob acusações de roubo.

Lembro-me vividamente de várias ocasiões em que bolos de dinheiro expirado eram encontrados. A conclusão óbvia era que a senhora da casa tinha tanto dinheiro que ela própria não conseguia lembrar onde escondera tudo. Em vez de assumir a própria responsabilidade, culpavam-se injustamente as empregadas, desencadeando punições cruéis, ameaças de prisão e tortura psicológica.

Essas experiências trágicas ilustram de forma vívida o ambiente opressor e a vulnerabilidade das empregadas, submetidas a acusações infundadas e a um ciclo de abusos psicológicos. Desta reflexão, surge a CENA VI de “DUSZÔTRO”.

3.6 QUINTA PÉTALA: PONHA-SE DAQUI PRA FORA.

Outra forma chocante de violência que testemunhei em diversas ocasiões eram as expulsões brutais das empregadas, ocorrendo a qualquer hora do dia ou da noite. Essas cenas humilhantes e degradantes eram exibidas em público, com vizinhos e transeuntes olhando passivamente, sem nenhuma interferência.

Lembro-me nitidamente de pré-adolescentes sendo expulsas à força, debaixo de bofetadas, mesmo durante a madrugada. O olhar de terror estampado nos rostos dessas meninas, longe de suas casas e sem ter para aonde ir, era doloroso de testemunhar, especialmente nas horas mais sombrias da noite. Em uma ocasião, uma das empregadas resolveu passar a noite na calçada, aguardando o amanhecer para decidir seu destino incerto.

Com exceção das empregadas mais experientes, as meninas que vinham do interior raramente recebiam alguma compensação pecuniária pelos serviços domésticos que prestavam. Era uma relação exploratória de trabalho, onde recebiam apenas comida precária e itens básicos de higiene em troca de seu árduo labor. Quando essas jovens eram expulsas, eram instruídas a levar consigo seus próprios pertences de higiene, como se isso fosse um ato generoso da parte da Senhora, que ainda se consideravam extremamente benevolentes. Deste testemunho perturbador, surge a CENA VIII de “DUSZÔTRO”

4 A DRAMATURGIA

Ressalta-se que esta dramaturgia se encontra em um estágio inicial de construção e não apresenta sua versão final. O propósito, neste momento, é estabelecer um embrião que será meticulosamente desenvolvido e aprimorado ao longo do processo de encenação, sob uma perspectiva mais técnica e direcional.

No ano de 2022, como culminância da disciplina "Exercícios da Cena V", surgiu uma cena inicial que serviu como ponto de partida para a elaboração deste projeto. Trata-se de uma cena curta, com cerca de 10 minutos de duração, na qual são abordados episódios de violência doméstica. A cena consiste principalmente em um monólogo protagonizado por dona Lilian durante uma conversa telefônica com Maura, a intermediária responsável por recrutar as jovens do interior. Dona Lilian, no decorrer da cena, retrata algumas das violências domésticas que testemunhei pessoalmente ou que foram relatadas por dona Rosa.

Ao elaborar este trabalho, hesitei em convidar alguém para representar as vítimas dessas violências. Entendi que seria necessário um trabalho de preparação de ator mais consistente para que estas violências em cena não trouxessem de alguma forma eventuais gatilhos indesejáveis, optei por um monólogo e pelo uso de recursos de áudio nos quais eu mesmo interpreto as vozes das empregadas que sofrem as agressões. A cena está disponível de forma privada no YouTube, acessível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=beAC7bsfSU>

FIGURA 5 – Quatro imagens de uma cena experimental de “Duszôtro”



FONTE: Elaborado pelo autor (2022).

A origem do título "**Duszôtro – O drama por trás de uma promessa**" vem de uma contração fonética do termo "dos outros" que era como me soava quando minha mãe frequentemente dizia: "Ah, meu filho, é tão difícil viver pela casa 'duszôtros'."

Quando a vida de minha mãe se limitou nas dependências das casas de outras pessoas, não foi apenas a vida dela que se viu afetada. Essa realidade desencadeou um efeito dominó que atingiu cada vida subsequentemente. Parecia que todas as vidas que se desprendiam da dela estavam predestinadas a seguir o mesmo destino de anulação, no interior das casas alheias. A casa "duszôtros", tornava-se o cenário comum em que muitas vidas perderam o seu brilho próprio.

"DUSZÔTRO – O drama por trás de uma promessa "

Personagens:

Narrador Onisciente

Rose

Jonas

Dona Maria

Dona Lilian

Maura

João

Felipe

Marcos

Tiago

Filó

CENA I

NARRADOR: *O ano era 1966, no pequeno vilarejo conhecido como Vila de São Miguel do Pracuúba, localizado no município de Muaná, vivia Rose, uma criança de 12 anos que dividia seu tempo entre ajudar a mãe nas tarefas de casa, ajudar os irmãos nas tarefas da roça, estudar e brincar. Rose fazia bonecas com as palhas de milho que ela mesma ajudava a plantar e a colher. Mas era estudando que Rose se encantava descobrindo coisas novas a cada nova lição. Rose gostava de fazer as lições num grande “puxado” que ficava anexo à casa principal. Era uma área ventilada pois não tinha paredes, e o chão era feito com ripas de tronco de açaizeiro.*

ROSE: “ESQUITO.... Não... ESQUISTOSSOMOSE MANSÔNICA. Isso. Esquistossomose Mansônica, uma doença parasitária transmitida pelos caramujos. Pronto. Terminei.”

JONAS: “Ulha !!! Mas essa sua pequena é inteligente héin dona Maria...”

DONA MARIA: “Ô se é. Essa menina eu tenho fé em Deus que vai terminar os estudo. Ô Rose !!! se já acabou essa lição, vai logo dar de comer pros bichos”

ROSE: “Tô indo mãe !!! ... thucothucothuco...”

CENA II

NARRADOR: *Enquanto isso, há mais de 100 quilômetros dali, do outro lado da Baía do Marajó, na capital paraense, Belém do Pará, vive dona Lilian, uma senhora de classe média alta que acabara de ter seu segundo neto e precisa urgente de um tipo de ajuda muito específica conhecido como “uma menina do interior”. Então ela recorre à sua amiga Maura.*

Maura é esposa de seu Dantas, o dono de uma grande “fábrica” de palmitos, que tem pontos de exploração da palmeira do açaí, em vários municípios do estado do Pará.

Dona Lilian se senta em sua cadeira balanço ao lado do grande aparelho telefônico de disco, que fica num canto da sala, numa prateleira de mármore. O aparelho que é um recurso disponível apenas para os mais abastados, fica num canto especial da sala, numa espécie de altar. O aparelho fica em frente à uma imagem da Sagrada Família, um souvenir que veio de Roma, da última viagem de dona Lilian à Europa.

DONA LILIAN: “Alô, eu gostaria de falar com a Maura por obséquio? ... Claro, eu aguardo...”

MAURA: “Pois não. Com quem falo?”

DONA LILIAN: “Maura minha amiga... É Lilian. Escuta Maura. Eu estou precisando de alguém pra me ajudar com as crianças. Tu não falas com o Dantas pra ele me arrumar uma menina do interior? Mas uma menina boa, educada, bonitinha, porque tu sabes, a gente vai levar ela pra onde nós formos.”

MAURA: “Ô Lilian, claro que falo sim. Agora ele está viajando e pra onde ele está não tem nem telefone. Mas mês que vem ele vai pra fábrica de Muaná e eu peço pra ele ver se acha alguma coisa pra ti, minha amiga.”

DONA LILIAN: “Ô Maura, tu és um anjo na minha vida. São José e Nossa Senhora te deem em dobro todo bem que tu fazes. Até logo minha amiga.”

MAURA: “Ah. Eu tento ajudar todo mundo, não precisa agradecer. Disponha sempre Lilian. Fica com Deus e Nossa Senhora de Nazaré.”

CENA III

JONAS: “Uhhhhh... Dona Maria. Chegue aqui vizinha.... Eu tava falando com o encarregado lá na fábrica de palmito e contei pra ele da Rose, de como ela é inteligente e gosta dos estudos. Ele me falou que tem uma senhora lá de Belém que

tá precisando duma menina... É só pra ajudar a tomar conta dos netos dela... Num é pra fazer mais nada. A senhora num qué mandar a Rose pra ela? Ele disse que ela ajuda nas coisinhas dela e põe ela numa escola boa pra ela ter uns estudos melhor que aqui no interior... que que a senhora acha ?”

MARIA: “Hummm seu Jonas, sei não. Esse negócio de viver na casa duszôtro num dá certo não. Ela só tem 12 aos. Inda é muito minina...”

JONAS: “Dona Rose. Pense bem. A minina é inteligente. Aqui nesse fim de mundo num tem futuro pra ela. Ela vai acabá igual os irmão dela. Na roça ou na fábrica... ou então, vai se encher de filho e passá a vida na beira do fogão.”

DONA MARIA: “Ah seu Jonas. Num sei. Eu vô cunversá com os irmão dela... E vou orá pra ver o que Deus me diz...”

NARRADOR: *Nesta mesma noite, Dona Maria juntou seus filhos à mesa e compartilhou com todos o assunto que lhe apertavam o coração.*

[Uns irmãos de Rose foram contra...]

JOÃO: “Isso é besteira. Esse negócio de estudar num é pra gente não. Isso é gente da cidade...”

FILIFE: “Isso é arte da Rose ir embora e num voltar nunca mais. Por mim num ia. Pensa que é fácil viver na casa duszôtro ?”

[...outros a favor.]

MARCOS: “E viver aqui é bem fácil não? Aqui num tem futuro pra ninguém não. Se a menina quiser ir, deixe mãe. Pode ser bom pra ela, se num for, ela volta.”

TIAGO: “Por mim pode até ir, mas tinha que vim aqui todo mês. Esse negócio de sumir e num dá mais paradeiro é que num é certo. A Anita, filha da dona Odete foi assim... Foi pra Belém e agora não se tem mais nem notícia dela... Tem que ter cuidado”

[Enquanto todos davam suas opiniões e vereditos, Rose estava completamente alheia àquela conversa. Ela já fantasiava os dias na cidade grande, na nova escola, com novos amigos e novos professores. Rose queria ser professora e não via a hora de chegar em Belém para desfrutar de uma nova vida.]

ROSE: “SIM!!!. Eu vou. Eu quero ir. A senhora deixa eu ir mãe?”

NARRADOR: *Dona Maria falou com seu Jonas, que falou com o encarregado na fábrica, que falou com Seu Dantas, que falou para Maura, que falou para dona Lilian. “Achamos sua menina”.*

CENA IV

[A pequena Rose está prostrada esfregando o grande chão da sala feito com tacos.]

DONA LILIAN: “Rose!!! Tu ainda não acabaste de esfregar esse chão? Égua da menina mole. Anda logo com isso, que tu ainda tens que colocar a roupa pra quarar, lavar os banheiros, arrumar os quartos e ajudar a fazer o almoço. Tem que ficar tudo um brinco!”

NARRADOR: Rose cansada não tinha forças nem pra questionar alguma coisa. Há dias a rotina dela era acordar às 04h da manhã, passar a roupa dos filhos de Dona Lilian que iriam trabalhar, passar o uniforme dos netos de dona Lilian, que iriam para o colégio, limpar toda a casa de 2 pavimentos, lavar a roupa de todos da casa e ajudar a cozinheira Filó nas tarefas da cozinha.

[Rose levanta-se, lava as mãos e pega uma faca e uma cesta de frutas, senta perto de Filó e ambas conversam na cozinha.]

ROSE: “Dona Filó. A senhora acha que a dona Lilian vai deixar eu estudar esse ano?”

FILÓ: “Minha filha, eu acho muito difícil, já passou do tempo de matrícula. O pessoal do grupo escolar aí de frente já está estudando há um tempão.”

ROSE: “Mas ela disse que ia me matricular. Ela pegou minha certidão e a ressalva escolar e disse que ia me matricular. Ela disse !!!”

FILÓ: “Eu não vou te prometer minha filha, mas se eu tiver uma chance, eu pergunto pra dona Lilian.”

NARRADOR: *Rose continuou descascando laranjas para fazer uma salada de frutas para a sobremesa. Estas era uma das tarefas que Rose adorava fazer, porque Dona Lilian a havia dado permissão para comer os bagaços da laranja, as pontas das bananas e as cascas das maçãs. Dona Lilian entra na cozinha para supervisionar o andamento do almoço, porque era chegada a hora dos netos chegarem da escola e do filho chegar para o almoço.*

DONA LILIAN: “Filó !!! Como está o almoço? Daqui a pouco tem que estar servido. E tu menina, te apressa com essa sobremesa aí.”

[Filó olha pra Rose, como que pedindo pra ela sair da cozinha pra ela perguntar sobre o colégio.]

ROSE: “Dona Lilian, eu vou no banheiro rápido e já volto.”

DONA LILIAN: “Arre. Vê se lava bem essa mão quando voltar.”

FILÓ: “Dona Lilian. A senhora me desculpe eu estar perguntando, mas a senhora conseguiu matricular a Rose no colégio?”

DONA LILIAN: “Olha Filó. Tu não tens nada a ver com isso. Eu não sei por que que tu estás te metendo onde não fostes chamada. Tu deixas que as coisas da Rose, resolvo eu. Era só o que me faltava. Estás ficando uma empregada apresentada e confiada héin...”

[Rose retorna do banheiro e dona Lilian estende a bronca a ela.]

DONA LILIAN: “Olha Rose, deixa eu te falar logo uma coisa. Se tu tens alguma coisa pra falar, tu falas pra mim que eu não gosto de fofoca. Estamos entendidas?”

ROSE: “Sim senhora dona Lilian”

DONA LILIAN: “E olha. Eu não fui fazer tua matrícula, porque os documentos que trouxestes não servem nem pra limpar o rabo. Tua certidão está caindo aos pedaços e essa ressalva escolar não serve pra nada. Tinhas que ter trazido o teu Boletim Escolar. Hoje em dia, a pessoa sem documento nem gente é. Se morrer, ainda vai ser jogada na vala do cemitério como indigente.”

[Rose chora um choro contido e soluça baixinho.]

CENA V

[Dona Lilian abre uma lata de leite e desconfia de algo.]

DONA LILIAN: Roseeee !!! Por acaso, tu mexeste neste leite ?

[Rose não responde e baixa a cabeça.]

DONA LILIAN: Mexeste ou não ?

[Rose permanece de cabeça baixa.]

DONA LILIAN: Eu vou perguntar pela última e derradeira vez. Tu mexeste neste leite Rose ?

[Diante do silêncio de Rose, Dona Lilian entra num ataque de fúria e desfere uma bofetada em Rose, que não consegue se equilibrar, cai no chão já em prantos.]

DONA LILIAN: A pior coisa pra mim é empregada saliente, confiada e abusada. Eu detesto que meçam nas coisas sem pedir. Pois tu queres leite né? Não queres? Então tu vais comer essa lata todinha.

[Dona Lilian completamente descontrolada, puxa os cabelos de Rose para trás, fazendo-a abrir a boca em sua direção. Com brutalidade pegou uma colher e enfiava as colheradas de leite na boca de Rose. Chorando muito sem poder engolir o leite, Rose tentava cuspir, mas isso suscitava mais ainda a ira de Dona Lilian, que enchia cada vez mais a boca de Rose com leite em pó e segurava a boca de Rose para que ela não pudesse mais cuspir. Quase sem poder respirar, Rose engasga-se com leite e com seu próprio choro. Dona Lilian empurra Rose para o canto da cozinha e derrama o resto da lata de leite em cima de Rose.]

DONA LILIAN: Eu espero que essa seja a última vez que tu me aprontas uma dessa, senão eu te ponho daqui pra rua e tu que te vire pra voltar pro lugar de onde veio.

[Filó presencia tudo sem nenhuma reação. Espera dona Lilian sair da cozinha para ajudar Rose. Saem de cena.]

CENA VI

[Dona Lilian está conferindo algumas notas que tinha deixado no guarda-roupa. Confere uma, duas, três vezes e está visivelmente incomodada. Ela não tem certeza de quanto havia deixado, mas cisma que o valor está menor.]

DONA LILIAN: Roseeee!!! Roseee!!!.

ROSE: Sim dona Lilian.

DONA LILIAN: Tu mexeste aqui no meu guarda-roupa ?

ROSE: Não dona Lilian. Eu nem entro no seu quarto sem a senhora.

DONA LILIAN: Pois é, mas como que está faltando dinheiro aqui?

ROSE: Dona Lilian, eu juro que não mexi em nada. Quando eu limpo o quarto, eu nem abro o seu guarda-roupa. Juro por Deus que não mexi em nada.

DONA LILIAN: Olha Rose. Se tu achas que eu estou ficando velha e esclerosada, tu te enganas. Eu sei de tudo que tem aqui. Se sumir uma agulha do meu guarda-roupa eu sei. Se eu sonhar que tu andas me roubando, eu te dou uma surra, chamo o delegado e te coloco na cadeia pra ti deixares de ser safada e sem vergonha.

[Rose chora copiosamente com aquelas ofensas e sai como se quisesse sumir dali.]

CENA VII

[Uma grade de refrigerante está no canto da cozinha. Rose está varrendo quando do Lilian entra.]

DONA LILIAN: Olha. Cuidado com estes refrigerantes que eu estou guardando para o aniversário do meu neto. Ai de vocês se me quebrarem uma garrafa que seja.

NARRADOR: *Rose nunca tinha tomado um refrigerante em sua pequena vida. Nunca nem tinha visto um de perto. Com muito medo, Rose está decidida a experimentar o tal do refrigerante. Ela espera dona Lilian sair para a missa e morrendo de medo decide abrir uma das garrafas.*

Rose abre uma garrafa de refrigerante, coloca metade do líquido em um copo, preenche a garrafa com água da torneira e tenta fechar a tampinha para que ninguém perceba. Bebe quase que num gole só o refrigerante do copo, mas acaba se engasgando com o gás que ela não sabia que havia.

ROSE: Ô coisa ruim... (cof, cof, cof). Não sei como que gostam disso.

[Rose coloca a garrafa no lugar, mas percebe que a tampinha ficou diferente das outras, ficou bem amassada. Ela até se arrepende de ter se arriscado tanto. Mas aposta que dona Lilian não percebe a travessura.

Dona Lilian chega da missa.

Dona Lilian entra na cozinha, como sempre desconfiada pois havia deixado Rose sozinha na cozinha durante toda a missa. Dona Lilian checa a geladeira, os armários, a fruteira... e já está quase saindo da cozinha, quando olha para a grade de refrigerante. Neste momento Rose deixa cair uma panela que estava enxugando e dona Lilian percebe o nervosismo de Rose]

DONA LILIAN: O que foi que tu aprontaste já?

ROSE: Na...na... Nada dona Lilian.

[Dona Lilian fita bem os olhos nas garrafas de refrigerante e percebe que uma das tampas está diferente. Rose foi descoberta. Imediatamente dona Lilian tem um ataque de fúria avança em direção de Rose agarrando-a pelos cabelos com as duas mãos. Era domingo e Filó estava de folga. Estavam somente Rose e Dona Lilian na casa. Dona Lilian estava com ódio no olhar.]

DONA LILIAN: Rose. Pega esse abridor e abre todas essas garrafas. Anda...

[Rose pressentiu o que aconteceria e tremeu de medo.]

ROSE: Não Dona Lilian... Não... Por favor. Dona Lilian. Não faça isso.

[Dona Lilian pegou o abridor e abriu cada uma das 24 garrafas de refrigerante, incluindo a que já estava aberta. Entregou uma garrafa para Rose.]

DONA LILIAN: Bebe !!!

ROSE: Não dona Lilian. Eu prometo que não faço mais isso. A Senhora pode me mandar de volta pro interior, me perdoe.

DONA LILIAN: Bebe !!!

ROSE: Não dona Lilian. Por favor...

DONA LILIAN: Se tu não beber por bem, tu vai beber por mal. Bebe !!!

[Temendo o que dona Lilian pudesse fazer, Rose bebe uma garrafa inteira de refrigerante em prantos. Dona Lilian pega outra garrafa e entrega pra ela.]

DONA LILIAN: Bebe !!!

[Rose já havia entendido o que aconteceria e para não irritar mais ainda dona Lilian, ela bebe a segunda garrafa.

Dona Lilian pega mais uma garrafa e entrega pra ela.]

DONA LILIAN: Bebe !!!

[Rose não consegue tomar a terceira garrafa inteira e começa a ter ânsia de vômito. Blacklout na cena e ouvem-se somente os gritos de desespero de Rose, a fúria de dona Lilia, garrafas caindo no chão, bofetadas, sons de vômito, sons de Rose se engasgando e os gritos histéricos de dona Lilian.]

DONA LILIAN: Bebe !!! Bebe !!! Tu vais tomar todas essas garrafas, se não tomar pela boca eu vou te enfiar pelo cu, mas tu vais tomar tudinho. E quando tu tomar tudinho, tu vais pegar os teus pano de bunda e tu vais sair da minha casa. Aqui eu não quero te ver nem pintada de ouro.

CENA VIII

[Rose está chorando, ela carrega uma sacola de supermercado com as suas roupas velhas.

Dona Lilian entrega uma outra sacola com um shampoo, um sabonete, um leite de rosas, uma escova de dentes, um creme dental e um perfume e diz.]

DONA LILIAN: Toma. Pra não sair por aí dizendo que trabalhou de graça na minha casa. Fiz de tudo, mas tu és uma ladra de fama internacional. O Dantas vai te deixar no porto da palha e comprar tua passagem pra Muaná. De lá tu te viras. Nem te digo 'vai com Deus' porque é capaz de nem Deus querer nada contigo.

[Rose sai enquanto a luz vai baixando.]

ROSE: Seu Dantas me deixou no Porto, comprou a passagem, mas eu não embarquei. Antes do barco sair, uma senhora perguntou se eu não queria morar com ela, pra ajudar com as coisas da casa, com as crianças, nada demais.

Eu vivi dos meus 12 aos meus 40 anos de casa em casa. Recebendo muito pouco, algumas vezes sem receber nada, sofrendo todo tipo de humilhação e exploração doméstica por parte dos meus patrões... meus senhores.

Em raros momentos, eu tive algumas migalhas de dignidade por onde passei. Eu conto contente sobre uma patroa tão boa, mas tão boa, que até deixava eu comer na mesa com ela. Eu conto feliz sobre uma que disse que eu podia até abrir a geladeira, beber água e até comer alguma coisa, se quisesse. Conto de uma que além de me pagar direitinho, dava as coisas pra mim, roupas, louças, brinquedos, coisas usadas. Eu sei que não passam de migalhas de dignidade, mas eu as ostento como 'uma parte boa' da minha vida, por comparado a tudo que passei, gostaria de ter encontrada mais destas migalhas.

Algumas patroas até deixaram eu me matricular no colégio, mas nunca me deixaram estudar de fato. Nunca havia tempo. Eram casas enormes pra limpar, pilhas de roupas pra lavar, passar e dobrar, comida para fazer, louças para lavar, crianças para cuidar. Cuidei de tanta criança "duszôtro" que quase não consegui cuidar dos meus. Pois é... Eu tive dois filhos. Mas como tinha que trabalhar sem parar para

sobreviver, acabei deixando um deles no interior com a minha mãe e outro com uma patroa que não podia ter filhos. Só queria estudar, mas tive boa parte da minha vida anulada na casa "duszôtros". É muito ruim viver pela casa "duszôtros".

[A Luzes se acendem e Dona Lilian está no centro do palco. Sentada numa cadeira de balanço. Ela pega o telefone, disca um número e fala:]

DONA LILIAN: "Maura minha amiga... É Lilian. Escuta Maura. Eu estou precisando de outra pessoa. Tu não me consegues uma menina do interior?"

[Dona Lilian olha pra frente com um olhar maligno e ameaçador e Blackout.]

FIM.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama descrito ao longo deste trabalho lança luz sobre uma triste realidade que, infelizmente, transcende décadas. A história de dona Rosa, uma mulher ribeirinha, iludida por uma promessa de educação e vida melhor na capital, acabou se tornando vítima de exploração doméstica, uma prática cruel enraizada no tecido da sociedade. Esta obra buscou evidenciar, com sensibilidade e respeito, as experiências dolorosas enfrentadas por dona Rosa e inúmeras mulheres que, como ela, foram forçadas a viver à sombra dos interesses alheios. Além disso, serviu como denúncia de um sistema que perpetuava abusos e injustiças.

Através da dramaturgia, este trabalho trouxe à tona histórias que, embora possam ter ocorrido nas décadas de 60 e 70, ainda ressoam nos dias atuais, mesmo que de forma mais velada. A exploração e o abuso das empregadas domésticas continuam a ser questões que merecem reflexão, debate e mudança. A narrativa também se estende a mim, filho de dona Rosa, que compartilhei meu olhar e meu testemunho de vivências iguais a de dona Rosa. Isso nos lembra que, por trás de cada relato, há uma complexa teia de relações humanas que moldam as trajetórias de vida, deixando cicatrizes indeléveis.

Espero sinceramente que este trabalho revele a importância da empatia, da reflexão e da mudança em uma sociedade que ainda lida com a exploração e a desigualdade. Através da dramaturgia e do relato pessoal, esta obra busca, não apenas contar uma história, mas também questionar as estruturas que perpetuam essas narrativas de exploração. Ao lançar luz sobre as vivências de Dona Rosa e tantas outras, convidamos à reflexão, à discussão e à busca por uma sociedade mais justa, onde as histórias de superação superem as histórias de abuso e exploração.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Ana. Retratos da desigualdade brasileira: as crianças-domésticas do Pará. **Outras Palavras**, 09 out. 2012. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/futuro-da-amazonia/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BARREIRO, Alex O.; FARIA, Ana L. G. de; MACEDO, Elina E.; SANTIAGO, Flávio; SANTOS, Solange E. dos. (orgs). **Infâncias e pós-colonialismo: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras**. – Campinas, SP: Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2015.

ENTREVISTA: Ecléa Bosi. **Uma experiência humanizadora**. Escrevendo o Futuro Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/32/entrevista-eclaea-bosi> Acesso em: 08 nov. 2023.

JESUS, Carolina Maria De. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 10. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

LOPES, Beth. A performance da memória. **Sala Preta – Revista de Artes Cênicas**. São Paulo, n. 9, p. 135-145, 2009.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas, por quem?** In: *Velas, por quem?* Belém: Cejup/SeCult, 1997.

TRABALHO doméstico infantil. **Organização Internacional do Trabalho**. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-domestico/WCMS_565969/lang--pt/index.htm#:~:text=O%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20infantil%20em,ou%20n%C3%A3o%20receber%20alguma%20remunera%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 07, Novembro de 2023.